

## O RETIRANTE COMO OBJETO DE ANÁLISE NA ICONOGRAFIA DA SECA DO SERTÃO

Gustavo Rodrigues de Oliveira<sup>1</sup>  
Anna Lidiane Oliveira Paiva<sup>2</sup>  
Allana Valdivino Goncalves<sup>3</sup>  
José Gomes Ferreira<sup>4</sup>

### RESUMO

A severidade e rapidez das secas que afetam o sertão tem entre as figuras de destaque o chamado retirante, por vezes também designado flagelado da seca, por ser geralmente o elemento mais fragilizado na hierarquia social e aquele que mais depressa é afetado pela ausência prolongada de chuvas na região. A nossa proposta integra um projeto mais abrangente sobre a memória da seca na qual a condição de retirante é elemento central de análise a partir de várias fontes de informação. Neste caso específico buscamos saber como a mídia, através do Diário de Natal, deu visibilidade ao retirante e que imagem acabou gerando da sua condição. Para cumprir nosso objetivo buscamos por pesquisa do termo "retirante" notícias publicadas neste jornal do Rio Grande do Norte dos anos 1939 a 1989, através da coleta na Hemeroteca Digital Brasileira. Buscamos com nossa pesquisa dar visibilidade ao problema e recuperar histórica e socialmente essa figura para que se reconheça no momento do enfrentamento dos problemas climáticos.

**Palavras-chave:** Seca, retirante, flagelado, sertão, mídia.

### INTRODUÇÃO

A seca faz parte do patrimônio histórico do Nordeste e, em concreto, do sertão e dos seus habitantes. Desde a chegada dos portugueses que o problema é conhecido e tem sido dada resposta, por um lado, com construção de infraestruturas, por outro lado, resposta de base assistencialista de suporte às populações mais afetadas, designadamente aos estratos populacionais mais vulneráveis. Na atual seca, com início em 2012, não se tem falado no drama dos retirantes ou flagelados, mas esta figura é um ícone de resistência e perseverança do nordestino face às adversidades do clima e condições sociais desiguais, geralmente afetado pela

---

<sup>1</sup> Graduando em Gestão de Políticas Públicas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [gustavoro18@outlook.com](mailto:gustavoro18@outlook.com).

<sup>2</sup> Graduanda em Geografia, Bacharel em Gestão de Políticas Públicas e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [annadepaiva@gmail.com](mailto:annadepaiva@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduanda em Gestão de Políticas Públicas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [allanavaldivino@hotmail.com](mailto:allanavaldivino@hotmail.com).

<sup>4</sup> Professor no Departamento de Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [jose.ferreira@outlook.com](mailto:jose.ferreira@outlook.com).

fome e morte, razões que obrigam a buscar sobrevivência em outros lugares (SOUZA, 1909; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009; MARENGO, TORRES & ALVES, 2016).

Não buscamos necessariamente reconstruir a história do retirante, mas suscitar o debate sobre algumas dimensões que podem ainda hoje estar presentes. É um primeiro exercício este de se focar a reflexão apenas nesse tema, mas acreditamos existirem razões para se avançar, desde logo dada a enorme quantidade de informação existente, mas também dada a relevância social do tema e como podem intervir as políticas públicas e os movimentos sociais. Assume-se como pressuposto que o fenômeno dos retirantes não é apenas um problema regional, pelo contrário, tem impacto em todo o país nas mais variadas dimensões, com destaque para as temáticas do desenvolvimento regional e das desigualdades.

Ao realizar esta pesquisa estamos estimulando a memória da seca e do impacto social do problema em um cenário que, apesar das múltiplas respostas das políticas públicas, se pode repetir dada a rapidez das mudanças climáticas, trazendo à discussão questões como a justiça climática e o conflito socioambiental. Recuperando a memória do passado para o tempo presente, assim o objetivo passa por reconstruir o perfil do retirante, as representações sobre ele presentes na mídia estadual em diversos documentos oficiais, incluindo igualmente pesquisas científicas e narrativas de autores locais.

Nossa proposta passa por inventariar as principais respostas que historicamente foram sendo dadas pelas políticas públicas ao problema dos retirantes da seca. Em particular, buscamos coletar e analisar informação sobre o retirante e seu lugar de origem e chegada. O resgate da história do retirante se enquadra no debate atual sobre a temática da mudança climática, podendo ser um alerta do passado sobre o futuro, contribuindo para um reforço das políticas e ação individual. Do ponto de vista da produção acadêmica e da função social da ciência buscamos igualmente sensibilizar para os efeitos sociais da seca em particular de grupos sociais mais vulneráveis trazendo para a agenda de pesquisa o potencial de aprendizagem na conscientização do problema da seca e fortalecimento da resiliência das comunidades e das instituições locais na resposta ao problema.

## **METODOLOGIA**

Para se concretizarem os nossos objetivos elencamos um conjunto de etapas e procedimentos que conjugam a pesquisa documental com a coleta de informações junto do

público-alvo selecionado. Damos especial importância à coleta em arquivos públicos e documentos privados que possam ser cedidos para análise, designadamente fotografias e pequenos livros que relatam na primeira pessoa o fenômeno das secas. Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte buscamos publicações sobre os retirantes na Biblioteca Central Zila Mamede e no NUT-Seca – Núcleo Temático da Seca e do Semiárido. Damos ainda destaque à coleta e análise de notícias da mídia sobre retirantes a partir da identificação das principais secas que afetaram o Rio Grande do Norte durante o séc. XX.

A primeira etapa passou pela identificação das principais secas ocorridas no Rio Grande do Norte para coleta de registros da mídia sobre retirantes a partir do Diário de Natal, destacando as representações da própria mídia, as políticas públicas de apoio, as cidades de proveniência e acolhimento. Especificamente para este artigo optamos por realizar pesquisa livre no acervo do Diário de Natal, através da Hemeroteca Digital Brasileira, com base no termo "retirante" dos anos 1939 a 1989. Os artigos coletados permitem traçar uma primeira representação do retirante na mídia estadual e que acompanhamos com coleta e análise de documentos sobre a temática dos retirantes, entre eles livros, artigos científicos e relatórios.

## **DESENVOLVIMENTO**

No histórico da seca do Nordeste é consagrada essa figura que, tal como afirmava Eloy de Souza, (1909: 170) é "aplicada a milhares de compatriotas tangidos pelo inominável flagelo da seca dos sertões nordestinos" e que em cada seca se deslocava para as cidades do litoral e para o norte e sul do país. Sendo que, apesar do trabalho promissor realizado durante décadas, "a palavra retirante circulará, sabe Deus, até quando, para o martírio dos homens de coração" (SOUZA, 1909: 170). Coincidindo o relato da saída do sertão para o litoral com o aprofundar da seca, cuja identificação das primeiras secas coincide desde a chegada dos portugueses à região (CUNHA, 2016).

Até à Grande Seca de 1877-1879 não havia nenhuma política pública de suporte, apenas apoio assistencialista com base em peditórios realizados nas grandes cidades. A sua saída das cidades afetadas levava ao seu esvaziamento e ao esvaziamento do sertão (CUNHA, 2016). Por outro lado, o estigma e o tratamento desta massa de gente não favorecia o apoio em situações de carência. Eloy de Souza denuncia o tratamento dos retirantes durante esta seca, em que "eram por muitos consideradas criaturas desprezíveis e como tais perseguidas e enxotadas do convívio dos afortunados" (SOUZA, 1909: 171). A doença, entre as quais o tifo e a

tuberculose, a fome, a morte e a criminalidade somavam-se aos problemas dos retirantes (PAIVA, OLIVEIRA & FERREIRA, 2019).

A partir da Grande Seca, que provocou mais de 400 mil mortos, a preocupação do imperador, que chegou a dizer: “Não restará uma joia da Coroa, mas nenhum nordestino morrerá de fome” e a atuação do governo do estado do Ceará passam a colocar em prática políticas de apoio aos retirantes. Tanto na resposta imediata como na ocupação do conjunto de flagelados, essencialmente os homens, que o envio para a Amazônia para trabalharem no ciclo da borracha. A Grande Seca impulsionou a organização de respostas regionais ao problema, colocando parte dos homens na construção de obras públicas, com destaque para as estradas de ferro (FERREIRA, J. G.; FIGUEIREDO, 2017).

Uma das linhas de pesquisa pouco explorada dá primazia aos retirantes, que a literatura e a arte reconheceram em primeiro lugar. Merece destaque “O Quinze”, romance de Rachel de Queiroz, publicado em 1930, na qual a autora cearense narra a experiência vivida na sua infância durante a grande seca de 1915; e “Vidas Secas”, romance de Graciliano Ramos, publicado em 1938, no qual narra o percurso de uma família nordestina afetada pela seca e desigualdades sociais à procura de melhores condições (FERREIRA; FIGUEIREDO, 2016). Ambas as obras, adaptadas ao cinema, dão atenção ao drama dos refugiados ambientais, conhecidos como os retirantes da seca, igualmente retratados pela pintura de Candido Portinari.

José do Patrocínio, em Os retirantes, romance publicado em 1889, para choque de muitos expõe alguns dos problemas das secas, tais como o abandono e a corrupção, sobre o qual afirmava:

Foi a certeza de tais abusos o que levou o presidente a escassear as remessas de gênero e provimentos de dinheiro para o interior, visto como a impossibilidade da fiscalização fazia com que eles quase nada aproveitassem aos desgraçados.

A conseqüência da medida foi incomensuravelmente desastrada. A fome deu alarma nas cidades, vilas e povoados, como nos mais humildes casais esparsos pelos tabuleiros e pelas charnecas do sertão, e o povo, rápido e ruidoso como a enxurrada, afluiu às estradas em demanda do litoral e da sede do governo (PATROCÍNIO, 1889, s/p).

As grandes secas de 1915 e 1932 levaram à criação, no estado do Ceará, de campos de concentração para controlar os retirantes com o argumento de que iam provocar descatos e roubos das cidades de acolhimento, entre as quais Fortaleza. Muito recentemente, foi tombado um casarão pertencente ao antigo campo de concentração de retirantes na zona rural de Senador

Pompeu e que serviu para confinar retirantes e evitar que eles chegassem a Fortaleza (G1 Jornal Nacional, 2019).

A saga dos retirantes tem particular interesse pelo fato de não só de trazer os citados campos de concentração no Ceará, expondo os limites da condição humana, como também de representar o desagregar da ordem senhorial brasileira, na medida em que a região se viu sem sua força de trabalho, conduzindo em muitos casos à desestruturação das propriedades. Com a agravante do homem pobre habituado à vida simples do campo ser obrigado a se adaptar aos novos contextos, acabando por aumentar os problemas sociais nas cidades receptoras (NEVES, 2006). Ainda assim, por "apego do nordestino à terra natal", "o nordestino enxotado pela seca para terras longínquas passada a calamidade retorna ao torrão natal (SOUZA, 1909, 173). Sobre o tema Euclides da Cunha afirmava em 1903: "Passam-se meses. Acaba-se o flagelo. Ei-lo de volta. Vence-o saudade do sertão. Remigra. E torna feliz, revigorado, cantando; esquecido de infortúnios, buscando as mesmas horas passageiras da ventura perdida e instável, os mesmos dias longos de transe e provações demoradas" (CUNHA, 2016: 138-139). Também Raimundo Nonato (1957) fala do desaparecimento dos vizinhos, porém conta que não regressavam todos.

A pesquisa se justifica, de um lado, para resgatar o vínculo com as gerações passadas e com determinado lugar ser reforçado com as narrativas daqueles que são os guardiões da memória, que ao narrar a história do grupo dão continuidade ao lugar na memória das gerações presentes (ALENCAR, 2007). De outro lado, trazendo essa aprendizagem e reforço da relação entre memória e lugar, e os espaços simbólicos e culturais, para o contexto de mudança, buscando contribuir através desse resgate para fortalecer a resiliência e o conhecimento sobre possíveis impactos e respostas. Sabendo que o agravamento da seca provocará êxodo das populações e a consequente migração, agravando os problemas das localidades de acolhimento, e que as populações tradicionalmente mais vulneráveis e menos capacitadas para enfrentar este e outros problemas vão ser as mais afetadas (MARENGO, TORRES & ALVES, 2016).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

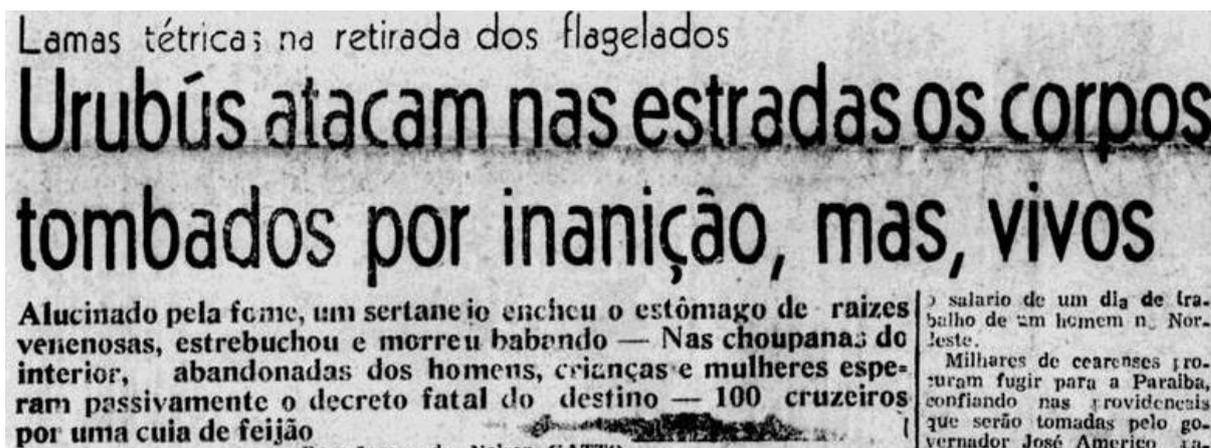
Estamos avançando com nossa pesquisa recorrendo a diversas fontes de informação. Na proposta que fazemos recorreremos às notícias publicadas no Diário de Natal de 1939 a 1989 com referência à temática dos retirantes e a documentos sobre o tema. A coleta realizada revela elementos importantíssimos para se compreender o problema e se projetar para o novo contexto climático, social e político. Na nossa coleta identificamos cinco ideias principais que orientam

a análise do tema: rapidez e dramatismo do fenômeno, imagem do retirante, êxodo para o Sul, refúgio para as cidades litorâneas e apoio assistencialista.

As secas anuais e sobretudo as que a cada ciclo afetam o sertão não têm calendário marcado, mas chegam com rapidez e afetam a economia e o modo de vida das populações, que ao longo da história se viram obrigadas a largar tudo para pedir socorro numa derradeira tentativa de sobrevivência. A ausência de chuva ou a chamada seca verde provocou ciclos de retirantes nordestinos, deixando desertos de gente os sertões, que invadiam as cidades litorâneas ou buscavam migrar em anos normais e assim antecipar a tormenta.

Em artigo anterior (PAIVA, OLIVEIRA & FERREIRA, 2019) referimos a existência de campos de concentração no Ceará nas grandes secas de 1915 e 1932. Lembramos igualmente Raquel de Queiroz e O Quinze, romance em que relata a experiência familiar na seca de 1915. O jornal Diário de Natal, na sua edição de 18 de setembro de 1939, relata a tentativa de um grupo de retirantes cearenses querendo chegar à Paraíba e aí conseguir ajuda. Com a manchete de primeira página "Urubús atacam nas estradas os corpos tombados por inanição, mas vivos", o artigo descreve de forma dramática essa viagem, descrevendo episódios de suicídio no desespero da seca e fome, os navios que não chegam com comida e levam ao aumento do preço de produtos alimentares, mais elevado distante das cidades. Durante a viagem são os urubus que tomam conta dos corpos deitados, sem temor se estão mortos ou vivos.

Figura 1. Urubús atacam nas estradas os corpos tombados por inanição, mas vivos



Fonte: Diário de Natal, 18 de setembro de 1939

Nesta proposta não enfatizamos a questão dos roubos e desordem pública decorrente do desespero dos retirantes e de possíveis aproveitamentos por outros grupos. Em contrapartida, destacamos imagens do retirante na sua condição de despojado de comida e de esperança. Uma

das imagens do retirante é dada pelo poeta Orilo Dantas, que o Diário de Natal chama de poeta de Oiticica (DN, 28 de maio 1976, edição 10088). Diz o poeta: "O retirante faminto, rasgado de pé no chão, é o retrato distinto do ressequido sertão".

Mas esse é campo fértil, não só nessa exaltação do sofrimento e resistência do nordestino, mas também no estereótipo. Na sua edição de 28 de março de 1948 o DN publica um artigo de Raimundo Nonato mais abrangente sobre o Êxodo rural que afeta o sertão mas no qual o qual o autor deixa um "retrato dos sertões, na época tormentosa das sêcas":

Exposto, deste modo, à inconstância da estação chuvosa, o braço forte do trabalhador rural, tão necessário à expansão de nossa rudimentar agricultura, deserta do rincão adusto, desgarrando-se dos sítios e da terra de plantar, e como força inútil na região onde o trabalho já não produz mais seus rendimentos, o homem transforma-se no pária, no retirante que percorre as estradas, desesperado, morrendo de fome à vista da sua Canaan abandonada... (DN, 28 de março de 1948).

Raimundo Nonato publicou o livro Memórias de um retirante, em que relata a sua vivência como retirante na seca de 1919, quando ainda menino saiu com a família da cidade de Martins, interior do Rio Grande do Norte, em busca de meios de subsistência e se ficou na cidade de Mossoró, vindo a exercer várias ocupações. O autor descreve vários momentos da viagem a pé, de que destacamos o seguinte extracto que narra a saída de Martins:

No percurso dos solitários viadantes não foi viva alma. Tudo era deserto e triste. Abandonado e ermo.

Ninguém quis dar notícias da partida dos infelizes retirantes. [...].

E por último, ao atravessar o derradeiro quarteirão da Rua baixa, deixando todo quanto tinha de mais querido na vida, a cidade tinha desaparecido (NONATO, 1957).

A imagem estereotipada dos retirantes está bem presente no trato e toda uma imagética negativa, que o associa por vezes a bandido, outras monstro ou apenas indigente. Num exemplo o Diário de Natal busca desmitificar essa construção através da publicação de um pequeno conto - O conto do domingo. Pedro Justino. Conto de Aluísio Furtado - que em uma das partes relata o encontro do retirante Pedro Justino com uma criança da cidade de Natal:

– Cuma vai o patrãozinho? Tá bão?

Fiquei parado, imóvel, sem forças para fugir, os olhos pregados que eu mesmo sentia estar querendo saltar das órbitas. Os amiguinhos haviam fugido todos e eu estava agora sozinho, frente a frente com um homem que "comia figo de menino". Mas, pouco e pouco, fui compreendendo que aquela voz não podia ser de má gente:  
—Qual nada, meu santinho! Justino não faz mal a ninguém, Justino pede esmola. Justino tem fome (DN, 6 de fevereiro de 1949).

Isto posto, ao invés de seguir a ordem cronológica dos acontecimentos optamos por apresentar a temática e os momentos que mais visibilidade midiática registraram. Na seca de 1939 já se discutia o problema dos atravessadores e vendedores de promessas que acabavam enganando quem necessita de ajuda. A notícia também de 18 de setembro de 1939 destaca o que chama de indústria do transporte em caminhões e a necessidade de combater traficantes e agenciadores que transformam uma ilusão num drama ainda maior. Um problema que, segundo a notícia, não era recente, mas se terá agravado com a abertura da estrada Bahia-Rio de Janeiro.

Por sua vez, durante a seca de 1951 foi grande a migração para o Sul. Na notícia de março de 1951 a comunicação social deu sobretudo conta do número de atingidos pela seca que tiveram como destino o estado de São Paulo. Segundo a manchete, em janeiro e fevereiro chegaram ao estado, respectivamente 14 mil e 15 mil flagelados, o que constituía uma enorme preocupação face à falta de assistência.

Figura 2. Ainda o prejudicial exodo de nordestino para o sul



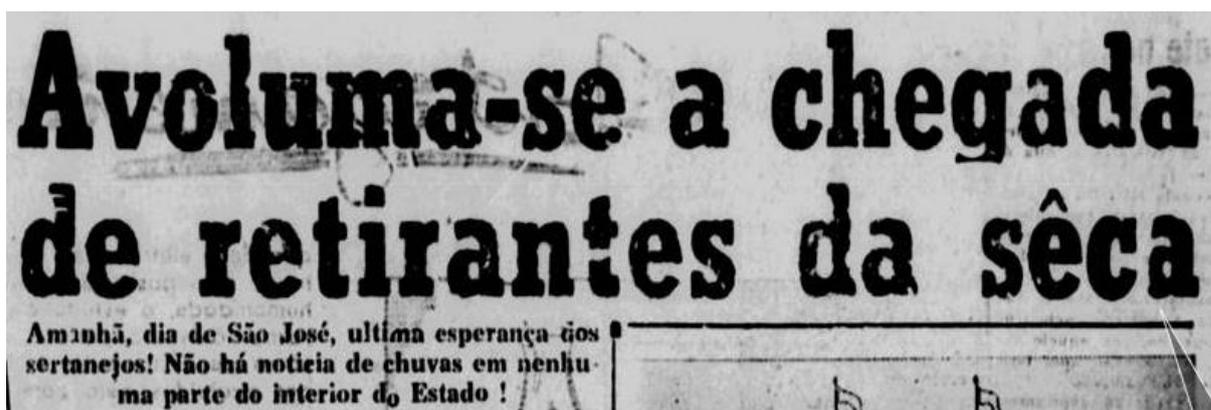
Fonte: DN, 31 de março de 1951

Cerca de um mês depois o drama continua e com tendência para aumentar. A notícia publicada a 24 de abril de 1951 teve de novo destaque principal no Diário de Natal. Tendo como título principal "Milhares de nordestinos entregues à própria sorte enchem cidades do sul" e subtítulo "Como vítimas da deshumanidade de indivíduos sem escrúpulos os flagelados vivem um drama terrível. A publicação dá conta de várias ações que agravam a condição de fragilidade dos retirantes. Citamos alguns exemplos: "ação desumana de indivíduos

inescrupulosos que oferecem dinheiro a alguns retirantes para que deixem suas filhas moças e esposas em sua companhia"; "crianças gritando de fome e desabrigadas, enquanto milhares de mulheres, muitas em estado de gravidez, deitam-se pelas calçadas onde amanhecem e anoitecem", por outro lado, certos comerciantes aproveitam a oportunidade para aumentar os preços de gêneros chegando mesmo a vender uma lata d'água por dez e quinze cruzeiros e alugar árvores para a dormida dos retirantes". Os dois últimos relatos são da cidade de Monte Azul, região de São Paulo, mas repetiam-se por todo o Brasil.

A fuga não era apenas para sul e para a Amazônia, como foi observado. Em primeiro lugar, eram as grandes cidades a acolher os flagelados, que no Rio Grande do Norte se avolumavam em Natal, a capital do estado, como refere a notícia com o título "Avoluma-se a chegada de retirantes da sêca", salientando que nem no dia de S. José, geralmente associado a chuva, se renovará a esperança, uma vez não estar prevista chuva para esse dia.

Figura 3. Avoluma-se a chegada de retirantes da sêca



Fonte: DN, 17 de março de 1958

A literatura e as políticas públicas mostram que o apoio foi inicialmente apenas assistencialista. Também já mostramos (PAIVA, OLIVEIRA & FERREIRA, 2019) existir uma preocupação em garantir trabalho para os homens e em monitorar possíveis focos de doença nas grandes cidades, que ainda assim se mostravam insuficientes para a dimensão da catástrofe.

A partir da Grande Seca de 1877-1879 o problema foi assumido pelo governo do estado do Ceará e em seguida pelo próprio imperador, pelo que a preocupação passou a ser em como ocupar os retirantes, sobretudo homens. Como principais opções destacou-se a exploração da borracha da Amazônia, mas também a mineração, e construção de açudes e estradas de ferro. Por exemplo, na notícia do dia 27 de março de 1951, com o título "Já não existe flagelados em Santana do Matos", o subtítulo fala em "Trabalho para os retirantes nas minas locais. Reunião

de governadores, segunda-feira em Recife". Outras pesquisas que temos em curso aprofundam a utilização de mão de obra em açudes e estradas de ferro.

Figura 4. Flagelados chegam à Amazônia



Fonte: DN, 27 de dezembro de 1958

A notícia de 27 de dezembro de 1958 descreve participação dos retirantes no ciclo da borracha, na Amazônia, informando que em menos de 10 dias 2430 retirantes da seca chegaram à Amazônia. A notícia diz ainda que esse número fazia parte de um grupo de 10.030 cearenses que se encontravam na Hospedaria Getulio Vargas, em Fortaleza, e que em desespero saquearam a cidade para que conseguissem algo para comer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema possui muitas fontes para se buscar informação, a nossa proposta é uma primeira síntese que, por sua vez, faz parte de um projeto mais abrangente sobre a memória da seca na qual se pretende escutar as pessoas, coletar imagens e confrontar a informação da mídia e documental. Buscamos no presente texto destacar alguns elementos que permitem uma caracterização do retirante e do seu lugar na história do Nordeste e do Brasil, considerando que possui elementos pedagógicos essenciais para o enfrentamento da atual crise climática.

Resgatar a epopeia dos retirantes é contribuir para que melhor se conheça a resposta à seca do sertão, recuperando essa figura que surge de tempos a tempos, expondo a sua fragilidade social face à condição climática. O artigo é o primeiro avanço mas buscamos dar futuros aprofundamentos, sobre os quais estamos igualmente realizando entrevistas e coletando imagens antigas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. A invenção do Nordeste e outras artes. 5.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

ALENCAR, E. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. TEORIA & PESQUISA. VOL. XVI - nº 02. Pp. 95-110, 2007.

CAMPOS, J. N. B. "Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos." Estudos Avançados 28.82: 65-88, 2014.

CUNHA, E. Os sertões. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2016.

FERREIRA, J. G.; FIGUEIREDO, F. F. Seca, memória e políticas públicas na região Nordeste do Brasil. Anais do XXXI Congreso ALAS Uruguai. 3 a 8 diciembre. 2017. Acesso a 4 de dezembro de 2018 em [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33262/1/4294\\_jose\\_gomes\\_ferreira.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33262/1/4294_jose_gomes_ferreira.pdf)

G1. Jornal Nacional. Antigo campo de concentração de retirantes no Ceará é tombado. 05/08/2019. Acesso online a 22 de agosto em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/08/05/antigo-campo-de-concentracao-de-retirantes-no-ceara-e-tombado.ghtml>

MARENGO, J. A.; TORRES, R. R. & ALVES, L. M. Drought in Northeast Brazilpast, present, and future. Theoretical and Applied Climatology, 1-12, 2016.

NEVES, F. C. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. Revista Brasileira de História. 21.40: 107-129. 2001.

NONATO, R. Memórias de um retirante. Pongetti. Coleção Mossoroense, 1957 e 1987. <https://colecaomossoroense.org.br/site/wp-content/uploads/2018/07/Mem%C3%B3rias-de-um-Retirante.pdf>

PAIVA, A. L.; OLIVEIRA, H. E. L.; FERREIRA, J. G. Memória social, políticas públicas e estratégias locais de enfrentamento da seca no Rio Grande do Norte. Anais do I CONADIS Congresso Nacional sobre a Diversidade do Semiárido. Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2019.

PATROCÍNIO, J. Os retirantes. 1889. Disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=7551](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7551). Acesso a 17 de setembro de 2019.

SOUZA, E. O calvário das secas. Natal: EDURFN. 1909 e 2019.